

12. Testemunhar a fé, como crianças numa floresta, sem medo

por Julián Carrón*

Com uma percepção perspicaz do desafio epocal frente ao qual a fé está, o então Cardeal Ratzinger disse em 1991 – o muro de Berlim havia sido derrubado apenas dois anos antes –: “O que, então, deve fazer a Igreja ou as Igrejas em tal contexto? Eu responderia: elas deveriam, em primeiro lugar, ser de uma vez por todas realmente elas mesmas”. Para resolver essa tarefa, conclui, “a Igreja deve estar disponível a padecer, deve preparar a estrada para o divino não com instrumentos de poder, mas na obediência ao Espírito, não com a eficácia das suas estruturas institucionais, mas [atenção!] mediante o testemunho, o amor, seu próprio viver e sofrer, e assim ajudar a sociedade a encontrar sua fisionomia moral autêntica”.¹ [...]

Dom Giussani foi nosso pai e continua a acompanhar-nos na experiência sempre mais consciente de uma alegria que não podemos guardar para nós, que queremos dividir com todos os nossos irmãos homens: “Testemunhar a fé é a tarefa da nossa vida. Pois o cristão tem uma tarefa específica na vida, que não é o exercício de uma determinada profissão, mas sim a fé: testemunhar a fé e fazê-lo dentro de seu próprio estado de vida. Existe a família, existe a profissão, mas ‘a’ tarefa é testemunhar a fé. Para isso é que fomos escolhidos. [...] Deste modo é que expressamos a nossa personalidade, não de padres, nem de freiras, não de operários ou de profissionais, ou de pais de família, mas de cristãos, qualquer que seja a atividade com a qual nos ocupamos: afirmando que a salvação já está presente e mostrando-a, testemunhando-a a todos.”²

Eis então a postura com que o cristão entra em relação com qualquer um e com qualquer coisa: “Somente se possuídos inteiramente por um amor [que realiza a vida, que nos faz experimentar uma plenitude], somente reconhecendo-nos pertencentes ao amor de Cristo ‘transbordante de paz’, é que somos como crianças que entram no escuro de uma floresta, sem medo. É o acontecimento de Cristo o que cria a cultura nova e dá origem à verdadeira crítica. A valorização do pouco ou do muito de bem que há em todas as coisas leva a criar uma nova civilização, a amar uma nova construção: assim nasce uma cultura nova, como nexos entre todos os retalhos de bem que existem, voltada a fazê-los valer »

* Do livreto dos Exercícios Espirituais da Fraternidade de Comunhão e Libertação 2016.

© 2016 Fraternità di Comunione e Liberazione para os textos de J. Carrón «*Eu te amei com amor eterno, tive piedade do teu nada*».

» e a concretizá-los. Ressalta-se o positivo, mesmo em seu limite, e abandona-se todo o resto à misericórdia do Pai”.³

Existe algo mais libertador e pacificador do que esta humilde certeza, fonte de um olhar positivo para tudo e para todos?

¹ J. Ratzinger, *Svolta per l'Europa. Chiesa e modernità nell'Europa dei rivolgimenti*. Cinisello Balsamo (Mi): Edizioni Paoline, 1992, p. 142, 144.

² L. Giussani, *Em busca do rosto do homem*. São Paulo: Companhia Ilimitada, 1996, p. 155.

³ L. Giussani; S. Alberto; J. Prades, *Generare tracce nella storia del mondo*. Milão: Rizzoli, 1998, p. 158-159.